

ENTREVISTA / HELOÍSA HELENA

Ruy Sampaio

“Sou uma sobrevivente”

Fotos de arquivo

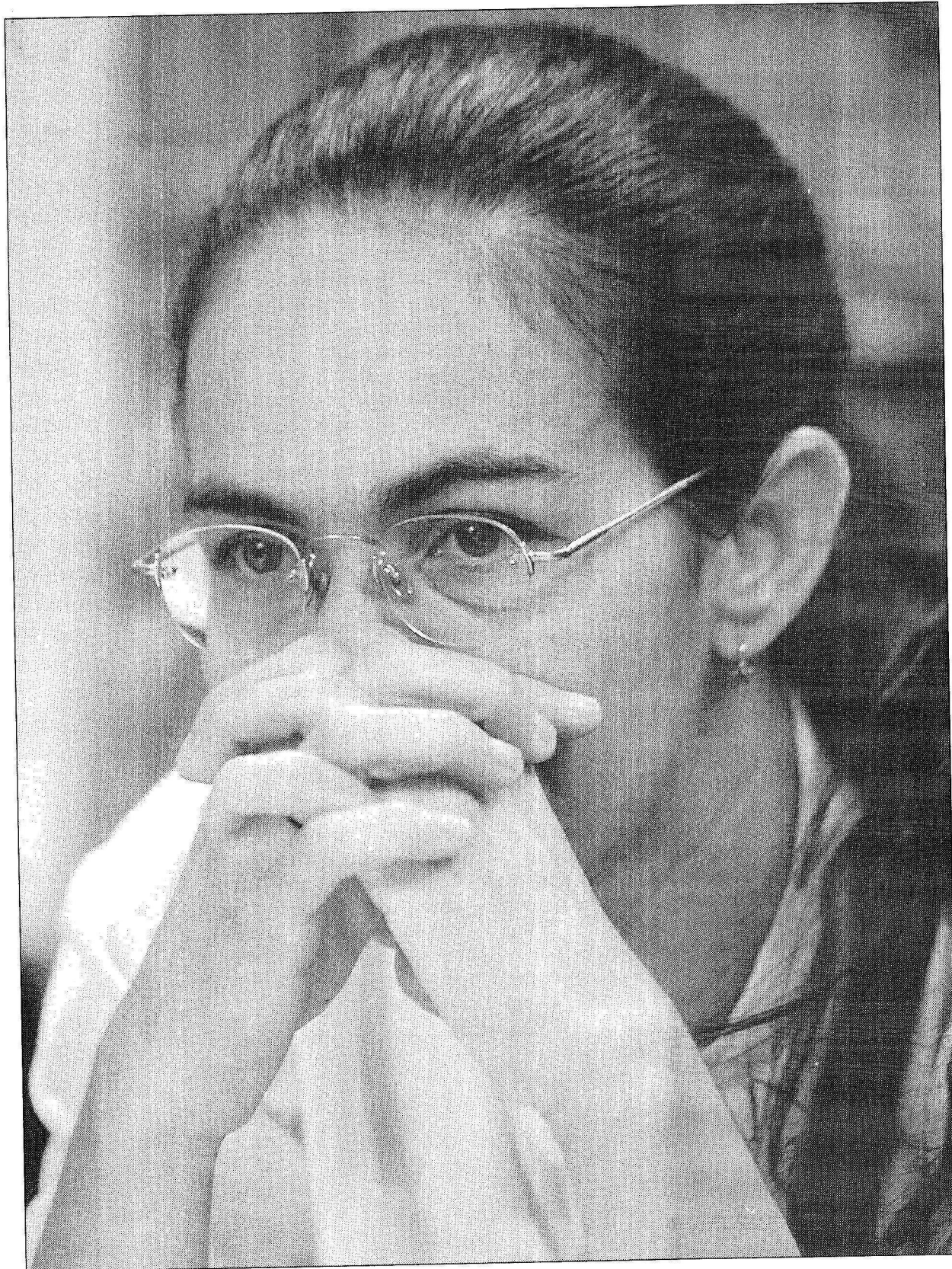
Apesar do dia cheio, a senadora Heloísa Helena encontrou uma brecha na agenda na noite de quinta-feira. Falou com o **JB** durante uma hora e meia, em ligação telefônica de seu apartamento funcional na Asa Sul, onde residem quase todos os senadores. “Alguns não moram aqui, mas no Lago Sul”, espeta, referindo-se ao bairro onde estão as mais luxuosas mansões de Brasília. Sem gurus na política, os vultos históricos inspiradores da professora de estatística de 41 anos são Rosa Luxemburgo – revolucionária polonesa do século 20 –, Trotsky e Che Guevara.

A mãe, Helena, visitada todo mês pela senadora em Maceió, é filha de trabalhadores rurais, ficou órfã aos 14 anos e criou os irmãos “no cabo da enxada”. Heloísa não conheceu o pai, vítima de câncer quando ela tinha apenas três meses. Uma referência que traz na vida é a luta que a mãe travou para criar os três filhos – um deles assassinado. Marido teve dois: o pai dos seus filhos e “um militante do PT”, há cerca de três anos. Considera ambos importantes em sua vida. Hoje, está sozinha: “Já tenho muito trabalho para arranjar outro”, brinca, lembrando com carinho o fato de ter sido mãe de leite da filha cega de uma amiga de infância.

O único instante em que se despe do estilo panfletário e contundente é quando lembra da pobreza e dos constrangimentos por que passou na infância. Nesse momento a voz firme esvai-se, amolece.

Com os dois filhos – ou “bebezinhos”, como gosta de chamá-los –, de 20 e 17 anos, o relacionamento é muito bom. “Eles são generosos”, garante. Lamenta apenas que não gostem muito de estudar: “Infelizmente, são consumidos pelo computador.”

O único assunto que deixa a senadora desconcertada é a insistência em manter o cabelo preso. Ela lembra que sempre teve cabelo grande e passou a prender em função do cotidiano de mãe, para facilitar tarefas como amamentar, lavar roupa e pegar ônibus com as crianças. Hoje, se diz “superacostumada”. Cabelos soltos, só na hora de dormir. Quanto ao convite para posar de cabelo solto para ilustrar esta entrevista, respondeu desconfiada: “Como é que eu posso fazer isso, não tem condição não... Tem jeito não... Não tem nada demais nesse cabelo, é só uma cabeleira grande, do interior...”



– Como está caminhando o novo partido de esquerda?

– Primeiro houve uma reunião de trabalho de alguns agrupamentos de esquerda para definir pontos comuns, como a democracia interna. Agora, virão as plenárias de preparação para o fórum de debates que terá início em março e irá até junho. Há muitos obstáculos na legislação eleitoral, por isso é que digo que estamos fazendo uma travessia no deserto. Queremos fazer na primeira semana de junho nosso primeiro congresso e, a partir daí, teremos de conseguir quase 500 mil assinaturas para obter o registro definitivo. A lei é recente e nenhum partido precisou passar por isso. É uma tarefa hercúlea, mas já estou acostumada ao sol quente do sertão de Alagoas.

– Que etapa será vencida no encontro de amanhã, no Rio?

– Será a primeira plenária do Rio, na Uerj. Um novo partido não nasce por decreto, nem pela vontade de uma personalidade política. Temos a clareza de que existe a necessidade de ajudar na construção de uma alternativa partidária que abrigue a esquerda que não é prisioneira dos imundos cárceres do poder.

– Qual a filosofia do novo partido?

– Queremos ajudar na construção de alternativas, ser abrigo para a esquerda socialista e democrática. Defenderemos bandeiras históricas da classe trabalhadora. Respeitaremos o direito de tendências. Estamos abertos a todos. Só não cabem neoliberais, nazistas, racistas, delinquentes políticos. Poderíamos estar nos lambuzando no banquete farto do poder do Palácio do Planalto, mas preferimos criar essa opção.

– É possível governar sem fazer acordo com o FMI?

– Não tenho dúvida disso. Defendo que conste do programa do partido que as relações do Brasil com a comunidade internacional não sejam de subserviência ao capital externo, representado pelos gigolôs do Fundo Monetário e demais instituições de financiamento multilateral. O FMI não é uma entidade filantrópica, patrocina a pilantropia dos banqueiros internacionais. Nada mais é

do que um anexo do Tesouro americano. O governo Lula acaba dando nó na cabeça das pessoas, que acham que o rompimento com o FMI é gravíssimo para o Brasil. Não tem nada de grave nisso. O próprio governo brasileiro, depois que já patrocinou todo o jogo sujo com o FMI, talvez não renove o acordo no ano que vem. Não tem nada de revolucionário nisso. A Constituição brasileira obriga, como requisito irrenunciável para a política econômica, a soberania nacional.

– É possível suspender o pagamento da dívida externa?

– A maioria de nós defende a auditoria na dívida. Ao longo da história recente do país, partidos de esquerda e muitos militantes importantes dos movimentos sociais foram à opinião pública, com plebiscito e abaixo-assinado, propor, ao mesmo tempo, auditoria e o não-pagamento da dívida. Não entendo, a não ser por cinismo, dissimulação e vigarice política, como essa gente pensa o contrário hoje. Ser contra a auditoria da dívida e defender o pagamento dela é ser reacionário, conservador. Até Celso Furtado propôs a Lula que prepare o país para a moratória. Temos de acabar com essa ridícula mania de perseguição que se tenta o tempo todo legitimar no imaginário popular. Precisa acabar esse terro-

rismo de promover o medo. Isso só serve para legitimar esse modelo fracassado, falido. Essa fórmula não deu certo em lugar nenhum do mundo. Esse modelo dá certo para uma minoria parasita que se apropria ilicitamente da riqueza da maioria de seu povo.

– O partido vai nascer com a preocupação de sobreviver à cláusula de barreira, que passa a vigorar nas eleições de 2006.

– Sabemos das dificuldades. Nós somos sobreviventes. Tivemos que passar a vida engolindo nossos próprios medos, mas aprendemos a resistir. Quem passou o que eu passei no Estado de Alagoas para construir o PT, arriscando a vida, sendo humilhada, massacrada, não pode temer nada. Cláusula de barreira é penduricalho diante dos desafios que já enfrentamos.

– Deu para tirar algo de positivo desse processo de expulsão do PT?

– Eu senti, das pessoas mais simples

às mais sofisticadas, como está enraizado na alma do povo brasileiro o sentido democrático. As pessoas que não compartilhavam da minha visão de mundo diziam que eu tinha o direito de defender o que eu acredito. Isso foi um bálsamo para as feridas abertas na minha alma e no meu coração.

– Como está vendo as políticas sociais do governo Lula?

– As políticas públicas, incluindo as sociais, refletem a opção econômica do governo, que resolveu destinar 18% da contribuição criada para a saúde – CPMF –, para aumentar o superávit. A opção econômica do Palácio do Planalto é saquear os cofres dos ministérios sociais 20% para compor a chamada Desvinculação de Receitas da União, que por sua vez compõe o superávit primário. Não tem mágica. A política econômica é que determina a falência do Fome Zero, da reforma agrária, da educação, da saúde. Para encher a pança dos banqueiros tem de esvaizar o prato dos brasileiros.

– Como vê as eleições municipais?

– O PT vai ter um crescimento significativo, até porque houve um liberação geral na política de alianças, em que cabem PT, PMDB do Quêrcia e do Jader, PL, PP do Maluf. Foi um ano de bons serviços prestados ao capital estrangeiro o de 2003. Acredito que dinheiro não faltará para a campanha.

– Sente-se frustra-

da por ter sido obrigada a abdicar do sonho de ser prefeita de Maceió?

– Foi uma experiência pessoal extremamente dolorosa. Já tinha sido obrigada a abrir mão de disputar o governo do Estado. Vinha me preparando para a disputa municipal. Eles levaram a legenda, impediram a minha candidatura, mas não levaram o que eu acho que tenho de melhor, que é a minha alma liberta.

– Tem algo contra a prefeita de Maceió, Kátia Born?

– Não tenho nada pessoal contra ninguém, não. Nem contra o Sarney, que me trata de forma delicada e respeitosa. Tenho divergências políticas.

– Qual sua relação com a religião?

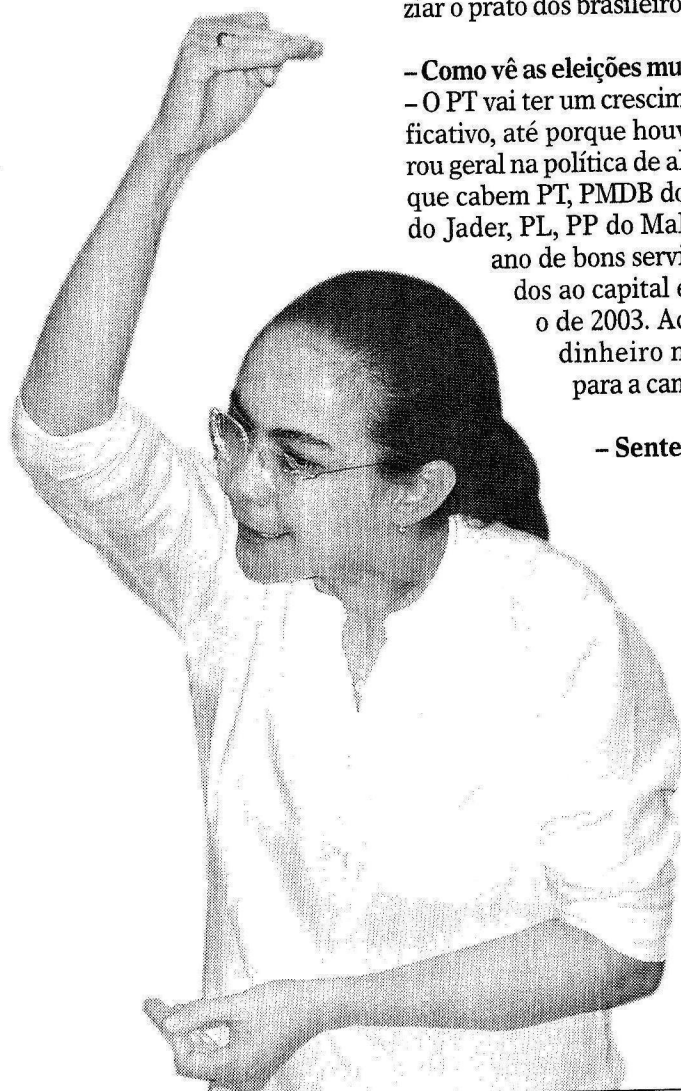
– Sou ecumênica por natureza. Tenho amigos espalhados por diversas religiões. Respeito todas as tribos. Sou católica. Vou sempre à igreja. Tenho muitos amigos padres no interior. Semana passada fui a quatro missas numa só cidade, ajudando na celebração. Me reencontrei há muitos anos com a fé, pela dor, e estou muito bem resolvida. Minha experiência religiosa é minha com o camarada lá dos céus que já me deu muitas provas de amor pelos momentos difíceis que passei na vida.

– Considera-se uma celebridade?

– Não diga esse negócio não, de celebridade. Eu me sinto feliz com o carinho e a solidariedade das pessoas. Isso me faz feliz.

– Chegou a passar fome durante a infância?

– (Longa pausa) Com certeza eu não precisei disputar o lixo, mas passei dificuldades grandes. Tudo isso me fez melhor. Todas as dificuldades que passei na infância (prende o choro), com certeza, mesmo marcadas pela pobreza, pela humilhação, são insignificantes perto do que as pessoas passam hoje. Dói ver uma menina na rua vendendo o corpo por um prato de comida; ou um menino que, em vez de estar como os meus filhos podendo escolher o que comer ou com um computador no seu quarto, está indo para a marginalidade como último refúgio. Sou uma sobrevivente.



Quem passou o que eu passei em Alagoas não pode temer nada.

Cláusula de barreira é penduricalho diante dos desafios que já enfrentei

A política econômica do Palácio do Planalto é que determina a falência do Fome Zero, da reforma agrária, da educação, da saúde